

MEMÓRIA, ESPAÇO E RESSIGNIFICAÇÃO: O SANATÓRIO VILA SAMARITANA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP

Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali - UNIVAP
Flávia Ribeiro Cunha - UNIVAP
Valéria regina Zanetti - UNIVAP

RESUMO

Este artigo busca discutir a relevância da função da memória relacionada aos espaços da cidade como possibilidade de significações e ressignificações ao longo do tempo. E, dessa maneira, compreender a função dos espaços no presente por meio do significado que tiveram no passado. Para tanto, busca-se discutir as várias temporalidades impregnadas no antigo espaço Sanatório Vila Samaritana de São José dos Campos, SP, construído em 1929 pela Associação Evangélica Beneficente e destinado ao tratamento de doentes tuberculosos, num contexto em que a cidade de São José dos Campos sediava outros espaços de cura da tísica por ser considerada uma cidade com condições climáticas favoráveis para esse fim. Com o tempo, o Sanatório Vila Samaritana foi adequado para outras atividades e hoje, ao mesmo é um bem tombado pelo Comphac e sobrevive, abandonado, representando um importante depositário de múltiplas memórias.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Identidade; Sanatórios; História; tuberculose.

ABSTRACT

This paper discusses the relevance of the function of the related areas of the city as a possibility and reinterpretation of meanings over time memory. And in this way, understand the function of the spaces in this through the meaning they had in the past. To this end, we seek to discuss the various temporalities impregnated Samaritan Village Hospice in São José dos Campos, SP, built in 1929 by the Evangelical Benevolent Association and for the treatment of tuberculosis patients. In the context of the time the city of São José dos Campos sediava other sanatoriums for the cure of consumption, and was considered a city with weather conditions for this purpose. Over time, the Sanatorium Samaritan Village was being suitable for other activities and is now keeper of multiple memories.

Keywords: Area; memory; identity; sanatoriums; Urban Planning; History, tuberculosis.

INTRODUÇÃO

São José dos Campos, situada no Vale do Paraíba paulista, foi uma cidade que cresceu à margem da riqueza proporcionada pela agroindústria cafeeira do século XIX na região. Cidade pobre, seguiu sem grandes atrativos até início do século XX, época em que grande quantidade de portadores de tuberculose passou a procurá-la em busca de tratamento e cura. A partir de então a cidade tendeu a se organizar econômica e politicamente em função do tratamento da doença. Em 1935, quando foi elevada à categoria de Estância, o município dispunha de um complexo de repúblicas, pensões, hotéis, clínicas e sanatórios. Além dos periódicos que circulavam na cidade, havia a publicação do **Boletim Médico**, iniciativa dos tisiólogos locais que apresentavam os debates internacionais sobre a doença. O brasão oficial ganhou a inscrição *Aura Terraque Generosa* (*Generosos são os Ares de Minha Terra*) e os profissionais da medicina passaram a receber apoio do poder público municipal para aparelhamento, graças ao Fundo para Melhoria das Estâncias (Fumest). As receitas, a partir daí, passaram a ser constituídas de impostos e taxas arrecadados no município pela Prefeitura e pelo Estado, sendo a renda municipal destinada à manutenção da administração municipal e a renda estadual, aos serviços públicos, a fim de aprimorar a infraestrutura urbana da estância (ZANETTI, 2010).

No centro da cidade intensificou-se particularmente a implantação de equipamentos de infraestrutura. O primeiro zoneamento de São José dos Campos data desse período. O replanejamento das cidades, no início do século XX, deu condições de destaque para alguns segmentos sociais. São José dos Campos assistiu, neste momento, a um grupo de comerciantes se despondo na economia local, em especial, ligado à construção pública e civil. A força desse segmento na região se explica pelas edificações atreladas às demandas industriais e comerciais, assim como pelas necessidades de moradias populares para abrigar uma considerável população desapropriada do perímetro urbano. Segundo Valéria Zanetti:

A atmosfera capitalista conduzia melhoramentos geograficamente situados nos centros das grandes cidades. Água encanada, iluminação elétrica, rede de esgotos, sistema de telefonia, ampliação e limpeza das vias de circulação passaram a entrar no rol das emergentes polícias públicas. Estavam dadas, porém, as “condições de exercício da função enunciativa”. A enunciação era clara: o espaço, agora moderno, deveria ser limpo, belo, salubre, dinâmico e eficiente para abrigar a produção da modernidade. Adotando as tendências do momento, o país modernizava-se. As tecnologias utilizadas transformaram com rapidez a paisagem. Novas construções urbanas, serviços coletivos e uma

organização maior do trânsito anunciavam mudanças no espaço. Sem que, contudo, houvesse transformações na organização econômica e cultural (2012, p. 31).

O SANATÓRIO VILA SAMARITANA

Busca-se discutir a ressignificação de um espaço que no passado teve uma importante função social e que hoje foi relegado ao esquecimento. Para alguns autores, o estudo da significação de um espaço descortina a identidade e a memória social e histórica de um determinado lugar. Da mesma maneira, entender sua ressignificação permite compreender a inclusão de novas funções que passam a interligar a memória da sociedade em diferentes momentos. Valéria Zanetti, em seu trabalho sobre identidade ressalta que „o olhar que percorre as ruas de uma cidade visualiza páginas escritas: a cidade diz tudo o que deve pensar, faz repetir o discurso, e enquanto se acredita visitar uma cidade, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes“ (ZANETTI, 2012, p. 22).

Nessa pesquisa busca-se compreender as várias significações espaciais pelas quais passou o espaço do antigo Sanatório Vila Samaritana, localizado na cidade de São José dos Campos, no Estado de São Paulo. O terreno e prédio pertencem atualmente à Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE), mantenedora da Universidade do Vale do Paraíba (Univap) por desapropriação, realizada pela prefeitura em 1967, em função da desativação do sanatório.

Entre os anos de 1926 e 1967, nove sanatórios foram construídos na cidade de São José dos Campos e, destes, seis eram ligados a instituições filantrópicas (VIANNA, 2004, p.143). Dentre eles o Sanatório Vila Samaritana, localizado na Rua Paraibuna, 75, construído em 1929 pela Associação Evangélica Beneficente, tinha à frente o Reverendo Otoniel de Campos Mota, professor de língua portuguesa e filólogo da Universidade de São Paulo, cuja filha, acometida da tuberculose, era interna do sanatório.



Mapa 1: Localização do Sanatório Vila Samaritano.

Fonte: Google, 2014.

O sanatório Vila Samaritana foi a primeira instituição evangélica do país a prestar assistência a tuberculosos pobres. Seu principal objetivo era ajudar os membros das igrejas evangélicas sem recursos e possibilitar que os doentes, em tratamento no sanatório, pudessem viver com os familiares (COMPHAC, SJC, 2009). Na época, existia em voga a ideia da terapêutica baseada no clima adequado. Foi com base nessa teoria - questionada por muitos médicos, inclusive por aqueles que consideravam a tuberculose uma doença social - que algumas cidades brasileiras, entre elas São José dos Campos, Campos do Jordão e Belo Horizonte, se tornaram estâncias climáticas, adequadas à cura da tuberculose. Com base na terapia do clima, as estâncias se equiparam com estabelecimentos de cura, como sanatórios, pensões e preventórios.

A construção da Vila Samaritana faz parte desse contexto, endossando a função da cidade como estação de cura. No entanto, a proposta de tratamento da Vila Samaritana se diferenciava dos demais estabelecimentos da cidade de São José dos Campos. No início, pensou-se no local como um terreno com casas, onde os doentes pudessem morar junto com seus familiares, para diminuir o sofrimento causado pelo isolamento. Neste primeiro momento foram admitidos cinco doentes, o número máximo comportado pelas casas (COMPHAC, 1994).

Em 1929, o Vila Samaritana foi ampliado e transformado em sanatório, com capacidade para 17 doentes, possuindo sete quartos, galeria de repouso, banheiros, refeitório, cozinha três pequenas casas e suas instalações. Inicialmente com 5.400 m², foi adquirindo, ao longo de sua existência, novos terrenos, chegando em 1940 a possuir 33.000 m² (COMPHAC, 1994).

A partir do final da década de 1950, os sanatórios foram perdendo gradativamente importância, diante das técnicas de cura e a Vila Samaritana em 1967 foi desapropriada para fins de utilização do Instituto Valeparaibano de Ensino, atual UNIVAP e preservado pelo município pela Lei Complementar n.º 169/98, em 19 de fevereiro de 1998 (COMPHAC, 1994).

Com a Lei Complementar N.º 169/98, de 19 de fevereiro de 1998, a edificação que abrigava o Sanatório Vila Samaritana foi classificada, pelo Comphac de São José dos Campos, como EP-2 (Elemento de Preservação). Essa classificação trata de bens imóveis de interesse cultural, artístico, arqueológico, histórico, arquitetônico, paisagístico ou ambiental para o Município que devem ser preservados mantendo-se as características de sua arquitetura previamente definidas (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2013).

Esse espaço, ocupado pelo antigo Sanatório Vila Samaritana, se reorganizou em função das novas necessidades da cidade e se tornou o primeiro campus da Fundação Valeparaibana de Ensino, mantenedora da Universidade do Vale do Paraíba. O espaço que sediava o Sanatório compreendia uma área entre a Avenida Paraibuna, Rua Euclides Miragaia, Rua Manoel Ricardo e Avenida Dr. Nelson D'Ávila.



Figura 1: Antigo Sanatório Vila Samaritana.

Fonte: Frederico Papali (2014).

Até 1992 a Fundação Valeparaibana de Ensino utilizou o espaço, conhecido como Largo das Letras, que sediava os cursos de Ciências Humanas e Sociais e Letras da Universidade. Hoje, o prédio que está desativado e fechado, se avizinha com o Colégio Técnico da instituição. Sua imagem depredada alimenta histórias fantasmagóricas, reforçando seu lastimável estado de conservação. Trata-se de um símbolo, e como todo símbolo está carregado de memória,

identidade e lembranças. Michael Pollak, quando trata do problema entre a ligação da memória e da construção da identidade social, observa que os ‘lugares’ são ligados a lembranças:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p. 202).

Michel de Certeau apresenta em seu trabalho a ideia de visibilidade sobre os objetos correlacionando presenças e ausências. Certeau ressalta que, mesmo nas ausências, há presenças e que nas próprias presenças há ausências, as quais não são vistas. Para o autor, são essas presenças que compõem a formação das identidades e dos espaços:

o que me impressiona, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: “aqui vocês vêem, aqui havia...”, mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogar com essas espessuras em movimento (CERTEAU, 1994, p. 189).

A Geografia também trata desses espaços que ficam do passado como forma, espaço construído, paisagem e os denomina de rugosidade. O conceito de rugosidade reflete a coexistência, no tempo presente, de elementos de diferentes idades. As rugosidades “são as feições moldadas num tempo anterior e que se mantém impondo às ações atuais suas possibilidades enquanto construções espaciais” (SANTOS, 2012, p. 140).

As novas demandas do capital global impõem mudanças na paisagem e as formas do passado, que possuíam uma finalidade específica, podem ter sua função inicial modificada pelo tempo. O Vila Samaritano pode ser considerado uma *rugosidade* na paisagem da cidade de São José dos Campos. Essas rugosidades produzem conflito impulsionado pelo devir histórico. Nessa disputa se rivalizam o novo e o antigo, estabelecendo uma relação de oposição e fricção, alvo de atenção da história, do planejamento urbano e das iniciativas privadas.

ESPAÇO E MEMÓRIA

Conforme enfatiza Halbachs “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (1990: 143). A memória se vincula ao espaço, cria lugares, precisa do aparato material para sondar antigas imagens, recriar configurações de uma cidade em constante mudança. Sob o ponto de vista da cidadania é imprescindível a importância da memória coletiva e social para reavivar a memória local e preservar a identidade dos sujeitos que a construíram. Halbwachs (1990) observa que um grupo inserido em um espaço, exterioriza a imagem desse espaço e o espaço se mantém com as marcas do próprio grupo. A memória coletiva também se constrói na identificação dos grupos sociais com o espaço que ocupam:

Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém consigo passa ao primeiro plano da ideia que faz de si mesmo. Ela penetra todos os elementos de sua consciência, comanda e regula sua evolução (...). O lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa (HALBWACHS, 1990, 133).

São as chamadas aderências. Myrian Sepúlveda dos Santos (2003) sustenta nesse sentido o mesmo princípio de Halbwachs ao afirmar que os signos estão presentes quando relembramos o passado. A memória se volta ao passado, da mesma forma que o sujeito busca alcançar a consciência através da memória.

Nadia Kojio (2009) alega que cada vez mais o conceito de patrimônio vem se aprofundando em consonância com o conceito de espaço e lugar. E, nesse sentido, a globalização acelerou os processos de transformação, refuncionalização e ressignificação do espaço, impondo dessa forma, novos mecanismos para a preservação dos seus espaços de memória, de reconhecimento e de resistência social frente às mudanças constantes. Segundo a referida autora, a memória assim como a identidade e a história são constantemente ressignificadas pela sociedade.

Para este artigo foram entrevistadas três pessoas, todas elas envolvidas, de alguma forma, com o espaço do Sanatório Vila Samaritana durante a época em que esse lugar de cura da tuberculose já havia se transformado em salas de aula para cursos superiores na área de Ciências Humanas. Portanto, nossos depoentes trouxeram por meio de suas memórias um espaço ressignificado, um espaço onde o antigo Sanatório era apenas um espectro, uma paisagem.

Os depoimentos colhidos revelam o impacto que o espaço do antigo Sanatório transformado em salas de aula causou em nossos depoentes. Uma das entrevistadas, a senhora Maria Clara (MC), aluna do Curso de História da então Faculdades Integradas FVE na década

de 1980, reviveu sua época de estudante universitária. Foram apresentadas para essa depoente imagens fotográficas do local e ficou evidente o quanto a visualização dessas imagens provocou emoções e lembranças. A depoente declara: “não vejo esse lugar como um Sanatório, vejo como meu ambiente universitário. Sabíamos na época que tinha sido um Sanatório, mas a vivência da qual me lembro me remete às salas de aula, aos debates, ao universo estudantil”. Ao apresentarmos a imagem da fig. 1 para nossa depoente a reação foi imediata

Nossa! A entrada da faculdade era por essa porta, parece até que estou vendo minha turma entrando por ali, muito barulho, muita conversa. Nossas aulas eram noturnas e eu me lembro desse lugar com o perfume de Dama da Noite. Acho que tinha essa planta lá (MC, 2014).



Figura 2: Vista Sanatório Vila Samaritana.

Fonte: Frederico Papali (2014).

O recurso da fotografia para reativar lembranças é bastante interessante. A fotografia apresenta-nos um novo código visual capaz de alterar e alargar as nossas noções sobre o que é merecedor de ser contemplado. A imagem fotográfica possui uma natureza nostálgica, pois uma fotografia é sempre o testemunho de um tempo passado. As fotografias fornecem provas e proporcionam a posse imaginária de um passado irreal, pois cada pessoa constrói, por meio da fotografia, uma crônica de si mesma, uma vez que a visão é subjetiva (SONTAG, 1986).

Ao ser apresentada à figura 3 (Largo das Letras) a depoente Maria Clara foi mais enfática ainda ao fazer o seguinte relato:

O Largo das Letras! Como me lembro desse lugar... As salas de aula circundavam esse espaço e era no Largo das Letras que tínhamos nossos encontros nos intervalos das aulas, onde fazíamos assembleias, lembro que o DCE (Diretório Central dos Estudantes) da época convocava os alunos quando tinha aumento da mensalidade. Nesse lugar também fazíamos o “enterro” simbólico do Reitor, de quem não gostávamos. Aquela árvore continua linda. Sinto um carinho muito grande por esse lugar. Um pedaço de minha vida está lá (MC, 2014).



Figura 3: Vista para o Largo das Letras/ Foto: Frederico Papali, 2014.

O depoimento de Maria Clara vem carregado de emoção, comprometido com o sentido de pertencimento. Ao dizer “um pedaço de minha vida está lá”, Maria Clara traduz uma sincronia única com o referido lugar. Como se aquele espaço estivesse impregnado de suas experiências, dela e de seu grupo de estudantes universitários. O Largo das Letras para Maria Clara traz consigo a possibilidade da recuperação de emoções de um tempo vivido. A concretude do espaço se reveste de sentimentos, de memória, de significação. O significado que a depoente deu ao prédio dependeu do filtro pelo qual ela viu o prédio, ligado às imposições das diferentes temporalidades da qual passado e presente são elos da significação. Quando mudamos o filtro, mudamos o significado do acontecimento. O valor que se atribuía ao espaço estava ligado, no passado, à funcionalidade como espaço escolar. O novo filtro, que assegura o olhar do presente, ressignificou o espaço, agora compreendido como lugar de memória. A isso se chama ressignificar, ou seja, modificar o filtro pelo qual uma pessoa percebe os acontecimentos a fim de alterar o significado desse acontecimento. Quando o significado se modifica, as respostas e comportamentos da pessoa também se modificam.

Outra depoente entrevistada, Maria José (MJ), professora do Curso de História desde 1991, esclarece que o Largo das Letras, onde funcionavam os cursos de Humanas também faz parte de suas memórias:

Eu acho que a minha relação com o Largo das Letras começa quando eu fui dar aula lá, em 1991, quando começo a dar aula na UNIVAP, ainda como Faculdades Integradas. A Faculdade funcionava, a parte de Humanas, no antigo Vila Samaritana. A gente chamava de BNH, que eram quatro salas, ou cinco salas que tinham sido construídas, meio que às pressas, meio feinhas, para os cursos que estavam aumentando. E no centro, que seria o que chamavam de Largo, era uma espécie de pracinha com uma árvore imensa, que existia lá (MJ, 2014).

Ao ser questionada sobre o significado que aquele espaço do Largo das Letras lhe trazia de mais revelador, o depoimento da professora Maria José aproxima-se muito do concedido pela ex-aluna Maria Clara, em relação ao conteúdo carregado de emoção:

Ele (o Largo das Letras) guarda essa memória... Agora fiquei até emocionada, pensando nisso. Que memórias ele pode guardar? Sim, guarda lembranças de um contato mais direto com os alunos, porque a gente fazia muito isso. Churrasquinho, violão e ficar lá, até meia-noite, uma hora da manhã (...) (MJ, 2014).

Outro depoente, senhor Mario Luis, mais conhecido como Jacaré, proprietário de um sebo que funcionava dentro do espaço, também revelou um significativo olhar oriundo de suas memórias sobre o local. Nesse aspecto, o depoente relaciona o espaço com as experiências dos alunos, o cotidiano acadêmico:

E era então, um contato assim, de amizade, de passar, *'Oh, vamos dar uma passada no Jacaré'*, assim, uma conversa natural entre as pessoas descontraídas, às vezes não, às vezes uma coisa mais pessoal. Enfim, tornou-se um ponto de encontro, de sociabilidade, a pessoa ia lá, sentava no sofá, *'Ah, tô tão cansada, não sei por quê, já tô cheio da escola. Ah, um monte de trabalho, não tenho vontade. Professor tal é chato'*. Assim, tornou-se um ponto de sociabilidade, de troca, de encontro. Ter o seu cantinho ali, senta, olha um livro, conversa, um pontozinho, não é? E, isso faz parte da construção da memória... De estarmos debaixo daquele telhado... Essas coisas acontecendo naquele espaço, então tá fazendo parte também desse conjunto da história. Da história das pessoas... (JACARÉ, 2014).

O espaço da Vila Samaritano e o espaço do Largo das Letras são os mesmos. O que mudou foi a forma como cada qual ocupou esse espaço e a forma como ele foi filtrado na memória, acionada pela imposição do presente. Com certeza, a visão de quem viveu aquele espaço na época de sanatório, trará flashes de sua época. Odores, pessoas, falas, detalhes ambientados no espaço de cura só serão trazidos à mente, por quem se apropriou do espaço, notadamente se a memória for acionada pelo auxílio da fotografia. Sendo marcas impressas no espaço, deixadas por ações ocorridas em tempos pretéritos, as *Rugosidades*, frações de tempos situados no espaço, estão carregadas de marcas particulares de cultura, vivências, valores e significados. Halbwachs dizia que "há tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos", assim como "cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças" (HALBWACHS, 1990, p. 159). Esse quadro fixo é dado pela conjuntura, ou seja, pela ligação íntima com as condições socioeconômicas que definem a identidade. Esta, é sempre definida como arma de defesa contra perigos que ameaçam a coletividade e sua maneira de ser. Nesse sentido, a tênue identidade sanatorial, atrelada à função de cura que a cidade de São José dos Campos teve no passado, continua na memória subterrânea da população da cidade.

Memórias subterrâneas fazem parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, e se opõem à "Memória oficial". As memórias subterrâneas se sustentam pelo trabalho de subversão, no silêncio, notadamente quando existe conflito e competição entre memórias concorrentes. Esse fenômeno é esclarecido por Pollak quando diz: "O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais" (1989, p. 3).

Este artigo buscou apresentar a relevância da função da memória relacionada aos espaços da cidade como possibilidade de significações e ressignificações ao longo do tempo. E, dessa maneira, compreender a função dos espaços no presente por meio do significado que tiveram no passado. Para tanto, buscou-se discutir as várias temporalidades impregnadas no antigo espaço Sanatório Vila Samaritana de São José dos Campos, SP, construído em 1929 pela Associação Evangélica Beneficente e destinado ao tratamento de doentes tuberculosos, num contexto em que a cidade de São José dos Campos sediava outros espaços de cura da tísica por ser considerada uma cidade com condições climáticas favoráveis para esse fim. Com o passar do tempo, o Sanatório Vila Samaritana foi adequado para outras atividades e hoje, ao mesmo tempo em que é um bem tombado pelo Comphac, sobrevive ao tempo, abandonado, representando um importante depositário de múltiplas memórias.

Abordou-se o apagamento não só de marcas de um passado que organizou a cidade em função da cura da tuberculose (1900 - 1940) como também das memórias das pessoas que viveram esse tempo. Percebemos que a cidade é a materialização do que se diz sobre ela e como

ela se diz. Como o objeto do enunciado está evidenciado na configuração do seu espaço, a leitura que se faz não só da manutenção como do processo dos bens elencados para serem preservados, de certa forma, acabam por representá-la.

Como sanatório, foi referência para muitos doentes, famílias de doentes e moradores que viveram esse triste passado da cidade. Como campus universitário, cada espaço daquela área carrega consigo identificações de uma passagem. Espaços ativos de um momento da cidade, o campus universitário, outrora sanatório ainda insiste em se manter presente, sabendo que a manutenção da sua existência depende da valorização que se dá às intervenções futuras. Torcemos para que não se perca mais essa memória da cidade.

Como um palimpsesto, o espaço da Vila Samaritana guarda, nos cruzamentos dos múltiplos tempos, o legado do passado. No entanto, pela forte representação negativa que a doença teve na cidade, o espaço é mais lembrado pela função ligada à educação. Poucos são os moradores de São José dos Campos que conhecem a história da Vila Samaritana relacionada à cura da tuberculose. Estigmatizada no passado como a Kocklândia brasileira, a cidade se vale de seu presente para reforçar sua identidade de polo tecnológico e industrial, ligada a vocação aeroespacial.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. Laís teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1990.

KOJIO, Nadia C.D. Monte. **Políticas públicas de patrimônio em São José dos Campos**/ Nádia C.D. Monte, São José dos Campos, 2009.167f. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Myrian Sepulveda. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo, Annablume, 2003.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia: Na caverna de Platão**. Lisboa. Publicações Dom Quixote, 1986.

VIANNA, Paula Vilhena Carnevale. **Saúde e Cidade: uma relação inscrita no espaço e no tempo; a fase sanatorial de São José dos Campos (SP) e sua influência sobre os serviços de saúde da década de 1980**. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

ZANETTI, Valéria. **Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares**. São Paulo, Annablume, 2012.

ZANETTI, Valéria; PAPALI, Maria Aparecida et al. O Boletim Médico: prescrição dos tisiólogos para a cura da cidade de São José dos Campos (1930-1935) Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos. vol.17. no.3. Rio de Janeiro. 2010